

Podcast

Leia com uma criança



Conversas sobre leitura

EPISÓDIO 6

Duas casas

Sumário

Olá, mediadores e mediadoras de leitura!	3
Muito amor em duas casas	4
As diversas famílias	5
O que dizer diante das despedidas?	7
Mães e pais ficam tristes?	9
As metáforas e a liberdade de ler junto	10
Cheio e vazio	11
As personagens que comunicam pela presença	12
Repensar as respostas habituais, encontrar novos caminhos	13
É preciso uma aldeia para educar uma criança	15
Para saber mais:	16
Ficha técnica	17



Olá, mediadores e mediadoras de leitura!

Sejam bem-vindos! Este é um convite para uma conversa sobre leitura compartilhada, suas belezas e seus desafios. E diz respeito ao sexto episódio do **Podcast Leia com uma criança**, uma produção do Itaú Social com parceria de Kiara Terra, narradora de histórias, autora e pesquisadora das infâncias.

O **Leia com uma criança** é um programa que, desde 2010, incentiva a leitura do adulto com a criança como uma oportunidade de fortalecer os vínculos e participar ativamente da educação desde a primeira infância.

Aqui vocês encontram algumas ideias, dicas e reflexões entre as múltiplas possibilidades para a mediação de uma obra literária. Esta iniciativa surge da vontade de partilhar as descobertas e os caminhos vividos em experiências de mediação literária on-line com crianças de diferentes territórios do Brasil.

O **Podcast Leia com uma criança** disponibiliza, além deste conteúdo, um vídeo para mediadores de leitura e um podcast voltado para as famílias e crianças. Para se aprofundar ainda mais nesse trajeto de aprendizagem acesse todos os materiais que estão disponíveis na página:

www.itausocial.org.br/podcasts



É um prazer enorme conversar sobre leitura com vocês!

Muito amor em duas casas

Convidamos vocês para a leitura da obra *Lá e aqui*, escrita por Carolina Moreyra, ilustrada por Odilon Moraes e publicada pela editora Pequena Zahar. A cada página descobriremos juntos a história de um menino e suas duas casas.

Lendo juntos, acompanharemos uma grande mudança vivida pelo protagonista. Tudo se transformará diante de nós e, pouco a pouco, conheceremos novas paisagens, faremos algumas despedidas e também encontraremos alegrias cotidianas.

Em *Lá e aqui* os autores, Carolina e Odilon, criam um caminho narrativo que revela uma relação bonita de intimidade entre as palavras, as imagens e as escolhas que caracterizam o livro. O formato e as dimensões, como as ilustrações estão dispostas na página... Tudo nos convida a fazer pequenas descobertas que, somadas, revelam a força e a constância do amor entre o menino e seus pais.

O que acontecerá com os elementos que construíram as primeiras cenas do livro quando chegarem as transformações?

Será que grandes mudanças podem fazer nascer novos começos e até mesmo novas histórias? Como é estar e se sentir em casa?

E se uma casa se transformasse em duas?

Vamos então conhecer *Lá e aqui!* Juntem-se a nós nesse caminho corajoso e sensível! Que tal visitarmos juntos duas casas nas quais as cosquinhas, a música e as histórias nos fazem lembrar o aconchego das casas mais legais que já vimos?

Sejam bem-vindas e bem-vindos! Boas partilhas e boas leituras!

Queremos contar uma história...

As diversas famílias

Existe uma variedade de tipos de famílias: aquelas que são compostas de pai e mãe, duas mães ou dois pais e seus filhos; aquelas que começam a partir do casamento; aquelas que passam a existir do encontro entre duas pessoas e seus agregados; aquelas formadas por pai ou mãe e filhos; aquelas constituídas apenas por irmãos; aquelas de pessoas que vivem sozinhas... Esses são só alguns exemplos. A pluralidade e a beleza dos tipos de famílias continuam em um sem-fim de possibilidades; contudo, ousamos dizer que o ponto comum entre todas elas é o amor.

Considerando especificamente a realidade brasileira, quais são as constituições familiares mais comuns por aqui? E o que essas formações têm a nos dizer?

Uma pesquisa do IBGE realizada em 2009 observou que as mães solo, ou seja aquelas que assumem sozinhas todos os cuidados com as crianças, formavam 17,4% das famílias brasileiras. Segundo dados mais recentes da Comissão de Estatística das Nações Unidas (2013), em 42% das casas brasileiras as mães garantem o sustento da família e os cuidados básicos com os filhos. A pesquisa de 2013 estimou, ainda, que 5,5 milhões de brasileiros não têm o nome do pai no registro de nascimento.

Com base nesses dados, conseguimos visualizar grande protagonismo feminino e – por que não? – significativa sobrecarga das mulheres. Ficamos com a questão: onde estão os homens? Onde estão os pais?

E são diversas as maneiras de falar com as crianças sobre esse tema. Sugerimos que o ponto de partida seja o que as famílias têm em comum: os laços afetivos e os vínculos de cuidado e proteção. Ao lermos juntos, podemos encontrar perguntas a respeito das famílias. A escuta aos relatos



das crianças no momento da mediação é sempre imprescindível e, nesse momento, o acolhimento tem papel ainda mais fundamental.

Ao falarem de suas famílias, as crianças têm a chance de expressar suas realidades e reconhecerem quem cuida delas, como são cuidadas e que são importantes para alguém com quem têm laços afetivos.

Infelizmente ainda é comum encontrar abordagens que privilegiam um só modelo de família – pai, mãe e filhos – e relatam como desestruturadas as demais configurações familiares existentes. É preciso, mediador, mediadora, sempre que possível, revisitar conceitos e perceber se o que lemos e o que dizemos pode, mesmo que não haja a intenção, reforçar estereótipos.

Se no momento da mediação falarmos apenas da família que, supostamente, a criança deveria ter, a deixaremos diante de faltas criadas pela nossa expectativa adulta e perderemos a criança e o que ela de fato tem de afeto, amparo, proteção e pertencimento.

Há outro ponto importante: ao falarmos da família com as crianças, não estamos falando apenas da maneira de ser dos elementos que formam esse grupo de cuidado e proteção. Estamos falando também de como cada criança constrói seu entendimento de mundo segundo sua cultura, seus pontos de vista, suas raízes ancestrais e todo o contexto e os saberes que compõem o modo de ser de cada família.



Reconhecer as diversas configurações familiares, ampliar esses conceitos para todas as possibilidades de parentalidades que cuidam e garantem proteção às crianças pode ser uma maneira bonita de contribuir para nossa própria percepção das redes de cuidado das quais fazemos parte. E também contribui para uma visão mais aberta e menos violenta em relação às diversas culturas familiares com as quais convivemos.

O que dizer diante das despedidas?

Geralmente nos deparamos com histórias que trazem situações estáveis em relação às famílias que apresentam. E são menos frequentes aquelas que narram os finais, as despedidas, os lutos e as mortes. Ou simplesmente o fato de que a vida está em constante movimento e transformação.

Mediator, mediadora, e se, ao lermos juntos, tratássemos com mais naturalidade o fato de que alguns ciclos se encerram? Talvez percebêssemos que, dentro de um final, podem morar novos começos e oportunidades que até então desconhecíamos. E descobrir coisas novas com as crianças.



A maneira como cada pessoa experiencia suas despedidas ao longo da vida é única. Adultos e crianças podem perceber os términos de modos diferentes.

Sugerimos que, durante a mediação, seja assegurado o espaço de expressão a respeito de como se sentem os leitores diante das despedidas.

Muitas vezes, ao ouvirmos as crianças falarem sobre temas difíceis e sem sabermos ao certo como acolher esses relatos, tratamos o assunto com a pressa de quem quer acabar com o desconforto. Nesse momento, podemos nos pegar dizendo: “Não fique assim!”; “Vai dar tudo certo!”. Essas e outras frases similares podem surgir e talvez tranquilizem mais o mediator do que as próprias crianças. De algum modo, em vez de abrigo, essas frases podem soar como: “Vamos deixar disso!”; “Largue essa tristeza!”.

Seria uma sensação deliciosa, mediator, mediadora, ter respostas para todos os desafios que surgem. Mas de que valeria? Talvez a beleza das partilhas esteja justamente no fato de sermos humanos e estarmos diante do outro e diante da literatura. Ler juntos nos possibilita descobertas que nascem desses momentos em que não sabemos bem o que dizer.

Que tal, mesmo que por um instante, sustentar o incômodo relatado pela criança e tentar olhar junto com ela para o que foi dito, ou talvez apenas acolher, sem tentar necessariamente achar uma solução? Ou, ainda, que tal contar às crianças que a fala delas o mobiliza?

Sugerimos que, ao longo da mediação, escute com atenção e acolha sem emitir julgamentos. Apenas estar junto, presente, no sentido de garantir espaço para a expressão das crianças, pode ser o bastante. Assegurar um ambiente no qual a criança possa falar sem se sentir julgada cria trocas significativas.

O que a princípio pode parecer uma interrupção desastrada em uma mediação de leitura muitas vezes contribui para aprofundar vínculos, partindo de um ponto fundamental: a capacidade de estarmos juntos diante dos problemas, dos conflitos e – por que não? – dos relatos de nossas perdas.

Mães e pais ficam tristes?

É comum, nos livros de literatura para crianças, que os pais e as mães sejam caracterizados como pessoas fortes, destemidas, quase invencíveis. As tristezas, as fragilidades e os medos são pouco atribuídos a essas personagens. Mas será que estar triste é ser menos forte?

Em *Lá e aqui* as personagens do pai e da mãe vivem suas emoções diante de nós, leitores, o que em grande parte se expressa nas casas onde eles moram. Ao lermos acompanhamos, pela delicadeza das ilustrações e do texto, o que sente a mãe com a partida do pai. E é possível também ver o pai a caminho de um lugar novo, acompanhado pelos sapos.

A perspectiva apresentada na obra aproxima adultos e crianças e nos convida a experimentar o acolhimento às personagens adultas. Acolher seus sentimentos é também repensar a ideia de que sentir é sinal de fraqueza.

As metáforas e a liberdade de ler junto

A literatura não está a serviço de algo, não tem uma função e não está atrelada a um objetivo pedagógico específico. E é por isso, por essa liberdade, que ela pode ser uma expressão privilegiada para instigar múltiplas interpretações, ampliar a visão sobre o mundo e sobre nós mesmos, e propiciar partilhas sobre a diversidade de sentimentos e emoções.

Há uma infinidade de sensações que podem encontrar na leitura conjunta uma via de expressão. A saudade, a falta que nos faz quem perdemos, a alegria diante das nossas lembranças, entre tantas outras experiências humanas.

► Mas como falar daquilo que não cabe nas palavras de todo dia?

As metáforas, imagens criadas com palavras ou ilustrações, nos possibilitam criar mundos inteiros a partir do que sentimos e ampliam nossa percepção sobre tudo aquilo que nos cerca.

Aprender sobre ela, a metáfora, é também um modo de ativar diferentes olhares e fortalecer a dimensão poética da nossa percepção do mundo. A literatura nos convida a interpretar e criar nossas próprias metáforas. Tornar-se um leitor é um processo que amplia a capacidade expressiva e o entendimento do mundo.

Perceber que podemos nos expressar poeticamente com as palavras e ilustrações e que essas linguagens, juntas, podem comunicar de modo amplo uma ideia ou sensação é um aprendizado que se constrói à medida que, como leitores, construímos uma história com a leitura. À medida que lemos juntos, ganhamos fluidez e repertório. Leva tempo.

Infelizmente ainda é comum ouvir que é preciso simplificar passagens do livro para facilitar o entendimento das crianças – e esse pensamento é um grande equívoco. Crescer e desenvolver habilidades leitoras está relacionado a se deparar com desafios constantes. E aquilo que ainda não conhecemos e não dominamos por completo é justamente o que nos instiga a fazer perguntas e buscar novas percepções. Quem seríamos sem desafios? Será que as crianças não entendem, ou somos nós que não confiamos em seus processos e descobertas? E na possibilidade de ganharem novas percepções e habilidades? Vamos pensar juntos sobre isso e permanecer atentos às nossas escolhas?

Cheio e vazio

Um caminho para a leitura das imagens propostas no livro *Lá e aqui* é olharmos juntos para o modo como Carolina e Odilon constroem a ideia de cheio e vazio.

As páginas ilustradas preservam espaços vazios a princípio. O decorrer da narrativa é uma sucessão de novos elementos: sapos, peixinhos, cachorros, árvore, lago... até o momento em que a casa é inundada e já não há nem um cantinho em branco na folha.

Depois dessa página, muitas outras cenas acontecem, trazendo os mesmos elementos das ilustrações anteriores, mas apresentados de outras maneiras. Sugerimos observar com atenção cada detalhe desde o início da leitura. O que o livro nos conta em suas entrelinhas, nas escolhas da autora, do ilustrador e dos editores?



As personagens que comunicam pela presença

Mediator, mediadora, vale destacar um detalhe sobre a escrita da obra Lá e aqui: não existem diálogos entre as personagens. Quem nos conta a história é o menino, usando a primeira pessoa do singular. Suas impressões acerca dos acontecimentos estão em formato de relato, e muitas coisas que não são ditas com as palavras podem ser compreendidas por meio das ilustrações.

O que será que essa escolha sobre como contar essa história nos conta? Como podemos nos aproximar das personagens e seu contexto sem o diálogo entre elas?

É preciso ler com sensibilidade e atenção aos detalhes. E, como em toda leitura compartilhada, é fundamental se manter receptivo às possibilidades e interpretações das crianças. Sugerimos que, ao ler junto com elas, o mediator ou a mediadora mantenha uma perspectiva aberta. Escute e acolha as hipóteses trazidas pelas crianças e considere outras significações, outras leituras e outros entendimentos sobre o livro.

Por meio da leitura compartilhada, cada grupo pode construir sua própria interpretação e fazer suas próprias conexões, partindo das casas que conhece, das famílias com as quais convive, de suas próprias experiências de filho ou filha e de seus modos de viver.

Experimente ler e imaginar como diferentes personagens vivem essa história. Como o pai e a mãe do menino contariam Lá e aqui? O que diriam os cachorros sobre a mudança de casa? Como cada leitor percebe as casas apresentadas na obra?



Que tal, ao longo da mediação de leitura, construir e sustentar com as crianças mais de uma possibilidade de interpretação da história? Não é necessário eleger uma única narrativa e preterir as outras; selecionar uma como a certa e as outras como erradas. É muito mais interessante aguçar a criatividade e colecionar oportunidades. Pode ser divertido e, dessa experiência, talvez nasçam novas versões bem interessantes!

Repensar as respostas habituais, encontrar novos caminhos

Mediator, mediadora, gostaríamos de convidá-lo para uma reflexão sobre as nossas respostas às falas das crianças durante a leitura. Diante do desafio de valorizar a participação delas, procuramos estabelecer um diálogo genuíno e aberto. Que tal olharmos juntos para as dinâmicas que compõem a troca entre crianças e adultos enquanto lemos?

- ▶ Será que a maneira como o mediador responde às crianças interfere nas trocas entre elas?
- ▶ Será que validar as hipóteses das crianças sempre com elogios pode estimular dinâmicas competitivas no grupo?
- ▶ Como posso valorizar as colocações das crianças de outros modos que não elogiando?
- ▶ Como ouvir e acolher as interpretações das crianças sem, necessariamente, classificá-las como certas ou erradas, adequadas ou inadequadas?

Mediar uma obra literária é estar diante de diversos modos de leituras possíveis. Conduzir a leitura acolhendo a pluralidade de falas das crianças muitas vezes nos desafia a ampliar nosso repertório de respostas para esses diálogos.

Nem sempre o elogio às participações das crianças é a única reação possível, embora seja uma possibilidade que agrupa e aproxima. Reagir com surpresa, contar que você não sabe a resposta para a pergunta da criança, mas que vai buscar informações, dizer que aquela é uma leitura possível, e até mesmo responder com outra pergunta são alguns exemplos de como intensificar e diversificar as possibilidades de troca ao longo da mediação. Existem inúmeras respostas viáveis para abarcar a pluralidade de visões sobre a obra.

Como mediadores de leitura, estamos aprendendo a todo momento. Talvez só percebamos algo após a leitura, não compreendamos o texto em sua totalidade logo de primeira ou esqueçamos algo que gostaríamos de ter dito. E tudo bem!

A formação de leitores, e mesmo de mediadores, é um processo. Não há certo ou errado quando se trata de uma obra literária. A leitura compartilhada traz a possibilidade do encontro de diferentes percepções. As crianças são ótimos professores e podem nos fazer refletir sobre como estabelecemos diálogos com elas e com os livros.

É preciso uma aldeia para educar uma criança

Lá e aqui é um livro com duas casas, dois lugares e uma mudança grande em curso. Mas pode ser um convite para celebrarmos nossas casas, nossos lugares e as mudanças que vamos viver. Afinal, a maioria de nós terá muitas moradas ao longo da vida.

A literatura pode ser uma morada importante, na qual temos a liberdade de ser quem somos e de experimentar de modo simbólico um sem-fim de experiências.

No Brasil coexistem muitos contextos, culturas e modos de construir pertencimento. São diversas as casas e os modos de habitá-las.

Tratar com delicadeza a pluralidade de experiências presentes no grupo e perceber que há um fio entre o livro e as histórias vividas por quem lê pode ampliar a capacidade de escuta e diálogo de quem medeia.

Ler junto e acolher nossas casas e todas as possibilidades de estar nelas abre um caminho importante que se inicia na experiência leitora e, a partir dela, amplia parâmetros humanos como irmandade e respeito às diversidades.

O que faz a gente se sentir pertencendo *Lá e aqui*?

O que faz a gente se sentir em casa?

Boa leitura!

Para saber mais:

[Carolina Moreyra](#) 

[Odilon Moraes](#) 

[Tabela Resumo Indicadores.xls \(live.com\)](#)

[Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil | IBGE](#)

Dicas de livros

Cali, Davide; Cantone, Anna Laura. Um papai sob medida. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Carrasco, Walcyr; Cardon, Laurent. Meus dois pais. São Paulo: Ática, 2010.

Gastaut, Charlotte. A grande viagem da senhorita prudência. São Paulo: Ática, 2019.

Love, Jessica. Julián é uma sereia. São Paulo: Boitempo, 2021.

Sellier, Marie; Lesage, Marion. A África, meu pequeno Chaka... São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

Ficha técnica

Fundação Itaú

Conselho Curador

Presidente

Alfredo Egydio Setubal

Vice-presidentes

Ana Lúcia de Mattos Barreto Villela

Maria Alice Setubal

Conselheiros

Claudia Politanski

Danilo Santos Miranda

Eduardo Queiroz Tracanella

Heitor Sant'anna Martins

Osvaldo do Nascimento

Priscila Fonseca da Cruz

Ricardo Manuel dos Santos Henriques

Rodolfo Villela Marino

Diretoria

Diretor-presidente

Fábio Colletti Barbosa

Diretor vice-presidente de programas sociais

Fábio Colletti Barbosa

Diretor vice-presidente de projetos culturais

Alfredo Egydio Setubal

Diretor vice-presidente administrativo e financeiro

Eduardo Mazzili de Vassimon

Diretores

Álvaro Felipe Rizzi Rodrigues

Paulo Sergio Miron

Reginaldo José Camilo

Valéria Aparecida Marreto

Itaú Social

Superintendente

Angela Dannemann

Gerente de Fomento

Camila Feldberg Macedo Pinto

Coordenadora de Engajamento

Social e Leitura

Dianne Melo

Gestora do Leia com uma criança

Gabriela Passos Conserva

Comunicação Integrada

Fundação Itaú

Gerente de Comunicação

Ana de Fátima Oliveira de Sousa

Coordenação de Comunicação

para a Educação

Alan Albuquerque R. Correia

Equipe de Comunicação -

Leia com uma criança

Tayrine Mauricio

Rodrigo Souza Silva



Créditos da publicação

Pesquisa, roteiro e criação de conteúdo

Kiara Terra

Leitura crítica

Dianne Melo

Gabriela Passos Conserva

Revisão

Raquel Siqueira

Beatriz Gross

Diagramação

Aline Souza

Caronte Design

Podcast
Leia
com uma
criança